

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Carvalho, José Eduardo dos Santos Soares, 1939-

Nota de abertura

<http://hdl.handle.net/11067/5286>

<https://doi.org/10.34628/5ah6-nm49>

Metadados

Data de Publicação	2005
Palavras Chave	Gestão de empresas
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-FCEE] LEE, n. 05 (2005)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-27T08:14:56Z com informação proveniente do Repositório

Nota de Abertura

O desenvolvimento económico das empresas não se exprime somente em termos de crescimento dimensional, não se mede apenas em volume de negócios, em montante de lucro, em número de trabalhadores, em partes de mercado; em certos aspectos, o crescimento dimensional não é mais do que um meio.

Além disso, o desenvolvimento de uma empresa exprime-se sempre em relação a alguma coisa. Existem empresas que contribuem para a realização das pessoas, para o enriquecimento da colectividade, para a qualidade de vida. Também há aquelas que são travadas na sua dimensão, empresas que vivem como parasitas, de subvenções, que se destinam a alimentar unicamente as ambições de alguns.

Noção essencialmente relativa, o desenvolvimento de uma empresa mede-se, portanto, em importância e qualidade. Exprime-se em superfície incerta, porque contém dados quantitativos e qualitativos e porque as medidas são tomadas tanto dentro como fora. Por isso, a noção de desenvolvimento começa por pôr à empresa problemas de definição, de finalidade e de conhecimento de si mesma, levantando problemas de impacto ambiental, de qualidade dos produtos e processos, de práticas de gestão de recursos humanos, de estratégias comerciais e financeiras, numa palavra, de *know-how*.

Sabe-se que o termo *know-how* não é senão a abreviatura de *to know-how to do it*, não tendo a sua tradução nas línguas nacionais obtido grande êxito. Também entre nós se prefere usar a contracção, sendo muitas as definições deste termo dadas por organismos internacionais. A mais aceite, estabelece que, quer se trate de produtos ou processos, o *know-how* é constituído pelo conjunto ou uma parte de conhecimentos necessários à sua elaboração e funcionamento.

Compreende-se assim que, em teoria, cada ramo da empresa pode constituir, por si próprio, o objecto de um *know-how* parcial. Neste sentido, o *know-how* é um facto imaterial que pode influenciar a competitividade a favor das empresas ou das pessoas. É este conhecimento técnico ou de organização que promove, efectivamente, que o desenvolvimento de uma empresa se torne, por isso, um factor económico.

Deste modo, a vantagem que uma empresa ou uma pessoa pode tirar de um *know-how* cuidado pode não ser apenas o lucro económico imediato, mas uma vantagem projectada no futuro e, portanto, mais proporcionada e interessante, conquanto que a análise do estabelecimento e das suas técnicas seja particularmente programada e executada.

Não obstante, com frequência se constata que o *know-how* das empresas nem sempre conduzem a um resultado global satisfatório, por os diferentes departamentos funcionarem independentes uns dos outros, como um fim em si próprios. O primeiro problema que se levanta é o de permitir que cada unidade tome consciência do papel que desempenha na obtenção do objectivo global da empresa. Ou seja, cada acção encetada por uma dessas unidades deve ter em conta as interações que existem com as outras.

As diferentes partes de um sistema estão geralmente ligadas entre si por meio de ajustamentos. Assim, a saída de uma entidade torna-se uma entrada para uma ou várias outras. Logo, como toda a saída é o resultado de certas transformações, percebe-se facilmente, que derivando as transformações de tomadas de decisão ou de aplicações de processo, a importância de todos quantos trabalham numa organização sejam possuidores do *know-how* adequado às suas funções e responsabilidades. Em princípio, todas as pessoas são portadoras de germes de inovação, sendo por vezes a falta de método que não permite a sua realização, mas é sempre o meio ambiente que os mata.

Esta edição de "*Lusíada – Economia & Empresa*", reúne uma série de contributos, com preocupações teóricas e metodológicas que vêm na linha das considerações anteriores. Inclui análises sobre os seguintes temas: os instrumentos de gestão de valor e de ligação entre a estratégia e o desempenho das empresas; a divulgação financeira e contabilística das empresas no quadro do *corporate reporting*; a qualidade como factor de competitividade das PME's; as políticas de recrutamento dos recursos humanos; a importância e o valor da satisfação no trabalho; as potencialidades e debilidades do sistema nacional de inovação; as linhas estratégicas do sector financeiro da economia.

O primeiro artigo trata os modelos de avaliação como instrumentos de gestão de valor e de ligação entre a estratégia e o desempenho das empresas. As autoras, Leonor Ferreira e Manuela Sarmento, apresentam uma metodologia baseada na sistematização dos modelos directos e indirectos e discutem as particularidades dos processos para o cálculo do *goodwill*.

O segundo artigo, de Ricardo Pinheiro, apresenta as metodologias de execução do processo de transposição das demonstrações financeiras das empresas, expressas em moeda estrangeira. A metodologia inclui a respectiva divulgação no âmbito das obrigações de relato financeiro e contabilístico das empresas (*corporate reporting*).

Os sistemas de gestão da qualidade nas PME's é o tema do terceiro artigo. As autoras, Elisabete Correia e Sara Sousa, analisam as dificuldades de aplicação

das normas ISO 9000 nas PME's e questionam se a revisão do normativo poderá ultrapassar as dificuldades e contribuir para a motivação destas empresas para a certificação do sistema de qualidade.

José Cardim assina o quarto artigo sob o tema da política de recrutamento dos recursos humanos para o crescimento da qualificação nas organizações. O autor refere que o problema da qualificação dos recursos humanos não se pode localizar apenas do lado da oferta de educação e de formação, mas também do lado da procura de qualificações. Acrescenta que existem "mãos invisíveis" que condicionam o crescimento da qualificação nas organizações e o nível global da economia.

O tema do quinto artigo trata a problemática da satisfação no trabalho na emergência dos comportamentos cívicos e organizacionais. O autor, Francisco Rocha, analisa a importância de determinantes/moderadores, como a personalidade, justiça e política organizacional, que vão mais além dos determinantes clássicos que, até aqui, têm sido negligenciados.

As potencialidades e debilidades do sistema nacional de inovação em Portugal é o tema do sexto artigo. O autor, Teixeira da Costa, apresenta um estudo quantitativo com a introdução de metodologia inovadora, assente em indicadores compósitos, para demonstrar o *handicap* de Portugal relativamente a alguns países da Europa Central e Oriental, relativamente à performance de capital humano e infraestruturas científicas e tecnológicas.

O último artigo desta edição, apresenta as linhas estratégicas do sector financeiro em Portugal no passado recente e perspectivas de desenvolvimento. O autor, Ruben Raposo, procura contribuir para a compreensão do fenómeno de concentração bancária, quer a nível do sistema financeiro em geral, quer do próprio ambiente económico e social.

Esperamos, com estes conteúdos teóricos e empíricos, contribuir para a divulgação de recentes abordagens conceptuais e metodológicas da economia e da gestão. Ficará nas mãos dos que, sabendo utilizar estes meios novos, poderem elaborar as estratégias dos desejos futuros.

O DIRECTOR

José Eduardo Carvalho